



# Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

# Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;  
v.2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-070-4  
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.  
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

*Angela Maria Gomes*

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925018</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>115</b>
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>159</b>
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>190</b>
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250117</b>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>200</b>
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
<a href="#">Aline Santos Pereira Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>211</b>
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
<a href="#">Josilene Moreira Silveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>221</b>
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
<a href="#">Aline Wieczikovski Rocha</a>	
<a href="#">Catiúcia Carniel Gomes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>231</b>
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
<a href="#">Luziane Patricio Siqueira Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>242</b>
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
<a href="#">Diego de Medeiros Pereira</a>	
<a href="#">Simoni Conceição Rodrigues Claudino</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
<a href="#">Ana Claudia Duarte Mendes</a>	
<a href="#">Dejair Dionísio</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250123</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>270</b>

## DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM

**Manuel Álvaro Soares dos Santos**

UFAL/FAFICA

Caruaru-Pernambuco

**Erika Maria Santos de Araújo**

UFAL/ESFA

Maceió-Alagoas

**RESUMO:** As produções discursivas ao longo dos tempos constituíram-se de diferentes formas, sob diferentes suportes e linguagens. Hoje, no século XXI enformamos enunciados contemporâneos amalgamados de diversas semioses, visto que o advento tecnológico na década de 80 fez lançar aos nossos discursos novos recursos semióticos para fazer significar. Nesse sentido, os gêneros discursivos deixaram de ser puramente verbais, pois as condições econômicas, culturais, históricas e sociais os dialogizaram, modificando suas formas de construção composicional. Hoje, imagens, vídeos, sons, cores etc, compõe nossas produções. Desse modo, o signo ideológico passou a figurar sob uma nova estética. Volóchinov (2017, p. 92-93, grifos nosso) e o Círculo, de modo geral, embora tenham tomado as produções verbais como corpus de estudo e reflexão sobre a linguagem não se esgotou nelas, logo o autor aponta que “um instrumento de produção também pode ser transformado

em signo ideológico [...] qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou do consumo pode se tornar um signo” e estes quando entram na comunicação discursiva de um determinado campo da atividade humana já estão tonalizados dialogicamente por meio das forças que a estratificam, imponde-lhes tons semânticos e axiológicos. Diante disto, nosso estudo tem por objetivo analisar os discursos produzidos em réplicas ativas de duas publicações do Movimento Brasil Livre (MBL), visto os efeitos de sua repercussão nacional. Tomaremos, pois, estes enunciados enformados sob um gênero digital, tendo como suporte a rede social Instagram, e a partir deles faremos uma análise discursiva dos comentários despertados após a publicação, bem como de suas imagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heterodiscurso; Réplicas do diálogo; Forças estratificadoras; Dialogismo; MBL.

**ABSTRACT:** The discursive productions throughout the ages were constituted of different forms, under different supports and languages. Today, in the twenty-first century, we form contemporary statements amalgamated with several semioses, since the advent of technology in the 1980s has brought to our discourses new semiotic resources to make meaning. In this sense, the discursive genres are no longer purely verbal, because the



economic, cultural, historical and social conditions have dialogized them, modifying their forms of compositional construction. Today, images, videos, sounds, colors etc, make up our productions. In this way, the ideological sign began to appear under a new aesthetic. Volóchinov (2017, p. 92-93, emphasis added) and the Circle, in general, although they have taken the verbal productions as corpus of study and reflection on the language has not been exhausted in them, the author then points out that “an instrument of production can also be transformed into an ideological sign ... any object of nature, technology or consumption can become a sign “and these when they enter into the discursive communication of a certain field of human activity are already tonified dialogically by means of forces that stratify it, impose semantic and axiological tones on them. In view of this, our study aims to analyze the discourses produced in active replicas of two publications of the Brazilian Free Movement (MBL), given the effects of its national repercussion. We will then take these statements formed under a digital genre, having as support the Instagram social network, and from them we will make a discursive analysis of the comments aroused after the publication, as well as their images.

**KEYWORDS:** Heterodiscourse; Replicas of the dialogue; Stratified forces; Dialogism; MBL.

## 1 | INTRODUÇÃO

O diálogo social é parte fundamental da interação discursiva entre os sujeitos que adquirem uma posição de alternância no discurso, onde suas participações são organizadas por meio de réplicas ativas. O grande boom deste conceito no Círculo é que as relações entre os sujeitos não são relações pessoais do face a face, do diálogo usual cotidiano, mas um diálogo entre relações sociais, entre épocas, profissões, entre grupos sociais, ou seja, entre forças ideológicas que compõe os estratos sociais da língua por meio de forças centrípetas e centrífugas.

As discussões aqui apresentadas nasceram das polêmicas, em nível nacional, envolvendo dois movimentos artísticos no Brasil em setembro de 2017. A primeira polêmica consiste na proibição da mostra artística organizada e financiada pelo Banco Santander através da lei Rouanet, Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira. Já a segunda polêmica envolve uma peça teatral, na qual há a exposição de um homem nu, onde crianças tanto participam, quanto interagem com ele durante a apresentação. Estes dois eventos discursivos geraram, por parte dos militantes do Movimento Brasil Livre, doravante MBL, réplicas ativas, pedindo o cancelamento do primeiro e condenando a execução do segundo, pois ambos os eventos, na visão deles, estariam afrontando os bons costumes cristãos, bem como incitando à prática de zoofilia e pedofilia.

Diante de tais efervescências discursivas, resolvemos tomar, à título de análise, duas publicações no Instagram do MBL acerca de tais polêmicas e com isso

investigarmos quais forças estratificadoras da língua estariam presentes nas réplicas ativas enformadas através dos comentários nas publicações.

As discussões que se iniciam nas seções seguintes partem das implicações tecnológicas sob as formas genéricas, pondo com isso a Cultura de Mídias, bem como o uso do computador na seara dos conflitos e transições da vida das linguagens e das relações sociais na pós-modernidade. Em seguida passaremos para o debate do diálogo social estabelecido por meio da língua(gem), onde os signos longe de ser individuais, neutros e transparentes se apresentam, sobretudo, como ideológicos repletos de ecos dialógicos acentuados conforme a identidade do campo de atividade. Trataremos ainda das forças que estratificam a língua, a saber, as centralizadoras/centrípetas e as descentralizadoras/centrífugas, bem como faremos uma análise social das imagens das duas publicações por meio da Semiótica Social e suas categorias analíticas da Gramática do Design Visual.

Procuramos ao longo das análises não ser exaustivos, visto que estaríamos correndo o risco de negar a plurivocalidade presente nesses enunciados. Percebemos em nossas análises a forte presença de discursos dogmáticos com palavras de autoridade, onde a transmissão deles ocorre de modo linear.

## **2 | GÊNEROS DISCURSIVOS MULTISSEMIÓTICOS NA CONSTITUIÇÃO PLURICOMPOSICIONAL DOS ESTRATOS SOCIAIS DA LÍNGUA**

As formas genéricas da contemporaneidade estão configuradas por um híbrido de semioses. Não há absolutismo de uma frente de outra, pois todas, cada uma a seu modo, carregam produções discursivas potencialmente ideológicas. Desse modo, o privilégio do signo verbal cedeu espaço para outras formas semióticas que sempre existiram, mas que não eram percebidas como dignas de representar-se diante da interação discursiva. Nesse sentido, Pierre Lévy (2004) postula que estamos vivendo o ápice da comunicação semiótica, gerando com isso uma nova ordem da escrita e promovendo ainda reverberações nas estruturas sociais. Santaella (2003, p. 209) argumenta que “já está se tornando lugar comum afirmar que as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando não apenas as formas de entretenimento e laser [...], mas potencialmente todas as esferas da sociedade”.

Nesse sentido, o cenário do absolutismo verbal teve sua primeira crise na Revolução Industrial com a entrada da cultura de massas quando outros dispositivos geradores de signos se intensificaram. Na década de 80 quando a Cultura de Mídias se instalou através dos computadores, as formas genéricas sofreram mais uma reviravolta, visto que a presença da imagem se tornou cada vez mais presente nos domínios discursivos da humanidade. O computador, nesta nova era cultural, foi sem dúvidas o grande responsável pela intensificação da hibridização entre as linguagens. Para Santaella (2003) o computador passou a figurar em nossa sociedade

como a mídia das mídias, uma vez que este torna possível a integração de vários domínios semióticos em uma mesma forma genérica, ou seja, estaríamos vivendo um novo experimentalismo das linguagens. A autora (2003, p. 53) defende que “a cultura de mídias inaugurava uma dinâmica que [...] começava a possibilitar aos seus consumidores a escolha entre produtos simbólicos alternativos [...] enfim, as mídias tendem a se engendrar como redes que se interligam”, ou seja, os sujeitos passaram a enformar gêneros discursivos com imagens, cores, sons, vídeos, tipografias etc.

A dinâmica da cultura midiática se revela assim como uma dinâmica de aceleração do tráfego, das trocas e das misturas entre as múltiplas formas, estratos, tempos e espaços da cultura. Por isso mesmo, a cultura midiática é muitas vezes tomada como figura exemplar da cultura pós-moderna [...] a cultura midiática propicia a circulação mais fluida e as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura, produzindo o cruzamento de suas identidades (SANTAELLA, 2003, p. 59).

Conforme Maingueneau (2008, p. 139) afirma “equivale a definir a prática discursiva como uma unidade de análise pertinente, que pode integrar domínios semióticos variados: enunciados, quadros, obras musicais”, gerando a partir destas novas formas de enunciados que, agora contemporâneos, não são configurados apenas por signos verbais. O autor (2008, p. 143) argumenta que as produções verbais são maioria, mas que nos campos de atividade da vida humana elas não são absolutas, pois “a possibilidade de integrar textos não linguísticos a uma prática discursiva, que até aqui era definida apenas com base em seus enunciados, supõe que se possa proceder à leitura mais abrangente possível”.

Assim como a prensa manual no século XIV e a fotografia no século XIX exerceram um impacto revolucionário no desenvolvimento das sociedades e culturas modernas, hoje estamos no meio de uma revolução nas mídias e uma virada nas formas de produção, distribuição e comunicação mediadas por um computador que deverá trazer consequências muito mais profundas do que as anteriores [...] o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio (SANTAELLA, 2003, p. 64).

Diante disto, torna-se evidente que as análises genéricas para ser coerentes precisam atribuir igual peso as imagens, as cores e a outras formas signícas, não podendo se esgotar mais nas produções meramente verbais como se somente elas fossem potenciais signícas da comunicação discursiva. Nesse sentido, Maingueneau (2015, p. 159) nos diz que “a análise do discurso emergiu e se difundiu a partir dos anos 1960 em um mundo ainda estruturado pela dualidade oral/escrito [...] as novas tecnologias da comunicação fizeram aparecer novas práticas”. O próprio Círculo de Bakhtin embora não tenha tomado como corpus de reflexões os gêneros multissemióticos, não negou que o signo ideológico pudesse ser composto por outras semioses, Volóchinov (2017, p. 91) ao falar da constituição do “mundo dos signos” postulou que “tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa

e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo”, nesse sentido já se encontra encarnado em uma das primeiras obras do Círculo a possibilidade de poder construir signos por meio de outros produtos ideológicos. Ainda nesta obra o autor argumenta sobre a constituição signíca da foice e do martelo que geram, igualmente, sentidos ideológicos produzidos no campo do Comunismo. No dizer de Volóchinov (2017, p. 109) “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana”, assim se na antiguidade escrevíamos sob as paredes das cavernas, sob o couro, sob rochas e outros suportes, hoje, estamos escrevendo sob um novo suporte e sob uma nova lógica discursiva que introduz aos nossos discursos novas linguagens.

O dialogismo entendido assim como conceito-chave que se estabelece na/pela linguagem, modifica os gêneros discursivos, visto que as forças econômicas, históricas, culturais e sociais impulsionam as formas da comunicação discursiva a mudanças em sua textualidade, pois o diálogo social que envolve a linguagem instaura nos gêneros embriões cronotópicos que os fazem cambiar.

Se antes, na cultura impressa, tínhamos o monopólio do verbal sob a folha branca, hoje, estamos colorindo-as de signos multissemióticos, valendo-nos de novos suportes. Conforme Santaella (2003, p. 71, grifos nosso) fala vivemos “uma espécie de esperanto das máquinas. Graças à digitalização e compreensão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador”.

### **3 | HETERODISCURSO, DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA**

A língua quando entra na vida já está banhada por forças que conduzem nossos tons semânticos e axiológicos, assim teremos pré-disposição a voltar-se com mais atenção a determinados enunciados e menos para outros. Isto faz parte da interação discursiva que se estabelece entre nós, o outro e o mundo, pois quando falamos de interação não estamos somente falando do face a face entre dois ou mais sujeitos, estamos, sobretudo, falando de relações sociais que imbricam, igualmente, poderes onde os sujeitos agem uns sobre os outros. A ação praticada por meio da linguagem acontece diante de uma estrutura cronotópica que permite o passado criar o futuro, antecipar as réplicas ativas do seu interlocutor e de ler o tempo no espaço (BAKHTIN, 2011). Desse modo, os sujeitos ao dialogarem uns com os outros tomam as formas linguísticas não como neutras, pois “nelas se cruzam forças sociais vivas, avaliações sociais vivas penetram cada elemento da sua forma [...] cada elemento da estrutura artística como ponto de vista da refração de forças sociais vivas”, sendo assim, somos orientados por um auditório social que provoca em cada sujeito uma vontade discursiva

materializada por réplicas ativas a aquele enunciado X, ou seja, só montamos um projeto discursivo quando algo nos incita a montá-lo e a partir disso geramos réplicas em resposta ao que nos inquietou (BAKHTIN, 2011, p. 195).

Embora não tenhamos consciência, enquanto falante, da complexidade que permeia a atividade discursiva não falamos por meio de palavras tiradas da língua (dos eixos), nem tampouco pela soma de unidades da língua que vão se acumulando, mas sim por meio de enunciados alheios que fundamentam e autorizam os nossos futuros enunciados (MEDVIÉDEV, 2016). Conforme Bakhtin (2011, pp. 195-196) no elo da comunicação discursiva não fazemos senão falar enunciados que já foram ditos por outros, visto que nós não somos o Adão Mítico o primeiro a quebrar o silêncio do universo com nossas produções discursivas. No entanto, é preciso ressaltar que não tomamos os enunciados alheios de modo passivo e neutro, pois “a interpretação responsiva é uma força essencial que participa da formação do discurso, sendo ainda uma interpretação ativa”, onde as formas de apropriação desses discursos variam conforme o tom da palavra carregada por eles, assim não é espanto para ninguém dizer que os discursos produzidos no seio do cristianismo são discursos dogmáticos, onde os sujeitos os tomam sem contestação, nem refração dos seus pontos de vista (BAKHTIN, p. 54, grifos nosso). Sob isso Volóchinov (2017) diz que há discursos alheios que são mais rígidos que outros, impondo-se aos sujeitos de maneira autoritária.

O grau de percepção autoritária da palavra, o grau de sua confiança ideológica e dogmatismo. À medida que o dogmatismo aumenta e a percepção compreensiva e avaliativa deixa de admitir matizes entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal, as formas de transmissão do discurso alheio se despersonalizam (VOLÓCHINOV, 2017, pp. 256-257, grifos nosso).

O autor classifica essa transmissão dos discursos de outrem/alheio como linear, ou seja, “percebe-se apenas o que do discurso, enquanto o seu como fica fora dos limites da percepção”, um exemplo claro, aqui no Brasil, dessa transmissão linear são os ataques sofridos pelos terreiros de Umbanda e de Candomblé, onde os discursos motivadores desses ataques tem como fundo ideológico o cristianismo, usando forças estratificadoras de centralização da língua para montar seus projetos discursivos que buscam silenciar a diversidade religiosa em nome de um único ponto de vista axiológico da vida humana (VOLÓCHINOV, 2017, p. 256). Não são poucos os exemplos que poderíamos citar, o radicalismo islâmico também está dentro dessa vertente de dogmatismo-linear dos discursos, bem como o movimento separatista racial nos Estados Unidos, o Ku Klux Klan.

Se por um lado temos discursos com tons autoritários, por outro temos discursos que percebem os enunciados alheios através de um olhar não dogmático, pelo qual as forças autoritárias são enfraquecidas. Volóchinov (2017) chama esses discursos de pictóricos, pois a palavra alheia quando tomado para o discurso autoral traz os seus reflexos, mas, sobretudo, impõe a eles as refrações subjetivas do autor podendo aqui

distinguir matizes não possíveis pelo dogmatismo-linear.

A língua elabora um meio de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral ao discurso alheio. O contexto autoral tende à decomposição da integridade e do fechamento do discurso alheio, à sua dissolução e ao apagamento das suas fronteiras [...] ele tende a apagar os contornos nítidos e os exteriores da palavra alheia. Nesse caso, o próprio discurso é muito mais individualizado e a percepção dos diferentes aspectos do enunciado alheio pode ser extremamente aguçada [...] o dogmatismo autoritário e racional da palavra, aqui, é absolutamente enfraquecido (VOLÓCHINOV, 2017, p. 258).

Esses discursos com transmissão pictórica tendem à descentralização de forças estratificadoras da língua, pois, uma vez que se configuram como heterogêneos tendem a se abrir para diversidade da vida humana. Um exemplo concreto dessa heterogeneidade é o Papa Francisco, ele como representante maior do catolicismo cristão não deixa de reconhecer a multiplicidade de vozes existentes na vida humana, e por isso ele tem sido criticado fortemente até mesmo pelos seus subordinados, mas também elogiado por outros. O grande fio ideológico da presença dessa heterogeneidade discursiva nas produções do Papa está no seu posicionamento acerca dos conflitos religiosos no mundo, onde ele busca sempre o diálogo entre as diferentes religiões, argumenta e defende a liberdade religiosa no mundo e diante disso o nicho mais centralizador da igreja tem feito críticas a seus posicionamentos. Nesse contexto, de discursos lineares e pictóricos cabe “considerar sempre a hierarquia social da palavra alheia que está sendo transmitida. Quanto mais intensa for a sensação de superioridade hierárquica” maior será sua transmissão linear dos discursos (VOLÓCHINOV, 2017, pp. 261-262).

Por essas e outras é que a análise dos discursos deve sempre inserir o diálogo social como seu eixo norteador, visto que as formas não dão conta da mística envolvendo as produções discursivas, pois a análise apenas do conteúdo sem a consideração dos discursos anteriores que o sustentam será, igualmente, incapaz de compreender as raízes mais profundas do funcionamento dos discursos.

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes mas também aos subsequentes da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011, p. 62).

Desse modo, Bakhtin (2011, p. 269) defende que “só uma compreensão profunda da natureza do enunciado e das peculiaridades dos gêneros discursivos pode assegurar a solução correta dessa complexa questão metodológica”, pois “todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação”, ou seja, levar em conta o heterodiscurso social, onde as relações sociais pela/na linguagem estejam no centro das empreitadas metodológicas de análise (BAKHTIN, 2016, p. 57).

#### 4 | RÉPLICAS ATIVAS DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL)

A construção do projeto discursivo do MBL nasce a partir de dois eventos discursivos envolvendo discursos heterogêneos quanto aos estratos que o constroem. As repercussões em nível nacional de tais, foram sem dúvidas impulsionadas pelo grande movimento levantado pelo MBL nas redes sociais, pedindo o cancelamento da exposição Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira. Nesta exposição há uma série de subexposições que compõe o todo, assim para que a vontade discursiva do MBL seja formada eles tomam o primeiro evento discursivo como 1. um quadro que recria Jesus crucificado, e como segundo evento discursivo 2. uma dramatização em que há a exposição de um homem nu. Desse modo, o MBL ao tomar estes eventos discursivos constrói para si uma compreensão responsiva ativa, gerando réplicas ativas enformadas através de duas publicações no Instagram, antecipando com isso as possíveis réplicas ativas que seus seguidores iram produzir, tendo em vista o campo de atividade que eles estão inseridos, sendo tidos como conservadores liberais.

As repercussões envolvendo estes dois eventos discursivos geraram uma série de comentários contrários à exposição. Em uma das réplicas despertadas no Site Diário Catarinense em 11 de setembro de 2017 às 14h52m Paula Cassol, coordenadora estadual do MBL/RS, diz que “não compactuamos com esse tipo de postura, discordamos que tenha dinheiro público envolvido em divulgação de pedofilia. Não acredito que (a mostra) seja um tipo de arte”. Vemos nesse enunciado o acento ideológico dado ao evento por parte do MBL, onde a coordenadora o classifica como “divulgação da pedofilia”, fazendo referência ao segundo evento discursivo. Aqui percebe-se que não há diálogo estabelecido entre as forças estratificadoras, mas a transmissão de um discurso linear baseado em forças centrípetas.

O Instagram, como nosso corpus de análise, está igualmente recheado de réplicas ativas coloridas, quase em totalidade, pelos mesmos tons semânticos-axiológicos que formaram o projeto discursivo do MBL. O curioso nas publicações é que como o Instagram possui um recurso que marca os sujeitos a quem se responde, fica claro a alternâncias deles que por possuírem sempre uma compreensão responsiva ativa acentuam a publicação do MBL sob uma voz social do campo de atividade em que estão inseridos, estabelecendo diálogo recíproco entre a publicação e os sujeitos que já estão dentro desse debate discursivo movido por comentários/réplicas.

Vejamos numa primeira sequência de quatro réplicas como os sujeitos constroem sua compreensão responsiva ativa e vão acentuado os enunciados conforme seus tons ideológicos. Primeira réplica: “Falta de vergonha. Militares urgente para salvar este país que jaz no maligno”. Segunda réplica: “Quem vai responder por estes atis tristes que corrompe nossa institui chamada família?”. Terceira réplica: “Por mim era morte pros pais e pro ‘artista’ aí”. Quarta réplica: “#bolsonaro2018”.

Nesta sequência de réplicas ativas percebemos como as forças centrípetas

se fazem presentes nos enunciados, visto que todas condenam o evento discursivo pedindo até a morte dos envolvidos, devido a eles fugirem do centro organizador das ideologias dessa esfera de atividade conservadora. Ou seja, os acentos nessas quatro réplicas que respondem de igual modo a publicação, não deixam de trocar harmônicos dialógicos entre si, assim na primeira réplica ativa feita por um seguidor do grupo vemos o saudosismo aos militares, bem como a presença do discurso vindo do campo religioso cristão percebido pela transmissão do discurso alheio “jaz o maligno” que faz referência ao Novo Testamento bíblico. Já na segunda réplica percebemos o mesmo fio dialógico enformado pela invocação do signo “instituição família”, signo este presente nos discursos vindos tanto do campo religioso cristão, quanto do saudosismo aos militares que defendem a ordem acima de tudo. A terceira réplica caminha para o mesmo campo de atividade que acentua os dois enunciados anteriores, pondo a punição e a morte como fator determinante à extinção de tais práticas, que segundo o próprio MBL corrompe a família e incitam a prática de zoofilia e pedofilia. A última réplica, na sequência dessas quatro que trocam harmônicos dialógicos, se configura como a síntese das três anteriores, visto que o sujeito invocado para a interação discursiva ao mesmo tempo que representa os discursos vindos desse campo conservador, se posiciona em conformidade com esses acentos ideológicos.

Diante disso Bakhtin (2011, p. 174) argumenta que “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida” e o momento que estamos vivendo no Brasil de constantes conflitos ideológicos nos faz entender o porquê da presença massiva de tons axiológicos conservadores. Há uma onda de retrocesso ideológico vindo de diversas esferas da atividade humana, talvez, o campo religioso cristão seja o mais incisivo nessa luta ideológica conservadora, usando de discursos dogmáticos para silenciar a diversidade da vida social humana.

Outras duas réplicas, agora vindas do discurso político, nos mostram como os discursos sempre mantêm ecos e ressonâncias com os enunciados precedentes que constituem os nossos enunciados dentro do ela da comunicação discursiva. A primeira réplica dessa segunda série apresenta um posicionamento a favor da exposição, mas logo em seguida e retrucada por inúmeras outras réplicas que atribuem a esta uma identidade ideológica. Primeira réplica: “Provem onde tinha pedofilia. E não é por conter “zoofilia” que a obra estava fazendo apologia a isso, a arte tem diversos intuitos, pode ser que a intenção foi apenas botar esse tema em pauta. A reação do @mblivre foi histórica, provavelmente há outros interesses por trás disso”. Nesta réplica há uma contestação ao que o MBL põe em seu enunciado que é a incitação da pedofilia e a zoofilia, o autor da réplica faz uma crítica ao posicionamento do grupo, contudo em seguida esta réplica é bombardeada por outras réplicas que agora iram trocar harmônicos dialógicos com ela. Réplica ativa que retruca a anterior: “é guerra contra a depravação esquerdista”. Reparemos que a réplica que monta seu projeto discursiva sob o fio da negação à réplica anterior atribui automaticamente uma identidade ideológica ao enunciado, atribuindo-lhe como pensamento vindo da esquerda, no



entanto após identificar o discurso como vindo da esquerda, o autor da réplica ativa o classifica como campo “depravado”, indo buscar sua justificativa nos posicionamentos esquerdistas acerca de tais eventos, visto que a esquerda aqui no Brasil é tida como um partido de forças heterogêneas.

## 5 | O DISCURSO CONSTITUÍDO PELA IMAGEM: UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA DA PUBLICAÇÃO

As análises da seção anterior discutiram a presença das forças estratificadoras da língua imbricadas nas réplicas ativas enformadas por enunciados verbais, os comentários. As discussões aqui têm propósitos analíticos outros, uma vez que iremos tomar a imagem da publicação para compreendermos quais os sentidos pretendidos pelo MBL no projeto discursivo composto por uma teia multissemiótica. Abaixo segue a primeira publicação.



**Imagem 1.** Primeiro evento discursivo construído pelo MBL.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BY6OyuRIRF2/?taken-by=mblivre>.

A postagem toma logo de início a cor amarela para marcar o confronto entre dois eventos discursivos ligados pelo signo com o mesmo tom semântico-axiológico, “infantil”, e segue o enunciado com outras cores. Este é um recurso de saliência presente na gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), usado pelos produtores quando querem chamar a atenção a um dado elemento do texto, ou seja, podemos compreender que o uso da cor por parte do MBL não foi somente um elemento estético no Instagram, mas uma orientação discursiva à interpretação que os seguidores devem

fazer, uma vez que o enunciado do topo mantém um laço semântico com o enunciado da base. A ligação semântica-axiológica entre os enunciados acontece quando os produtores ligam os signos “pedofilia” e “hospitais infantis”, ambos construídos para um mesmo sujeito do discurso que está parcialmente implícito na postagem, mas que os tem como fundante de sua vontade discursiva. Desse modo, o enunciado do MBL parte de uma vontade discursiva X e dela monta seu projeto discursivo já com exauribilidade e com acabamento composicional do gênero, possibilitando aos sujeitos que os seguem uma alternância dialógica.

Ainda sobre as cores do enunciado, cabe levantar o estatuto pragmático delas. Podemos então classificá-las com uma sobreasseveração, ou seja um enunciado que poderá vir a viralizar no cenário nacional, cumprindo o objetivo que o projeto do discurso se propõe que é a interdição do evento, pois o efeito de sentido que os autores buscam nos seus seguidores é gerar comoção ao fechamento do hospital infantil, onde isso poderia ser evitado com o dinheiro, suposto por eles público, do evento que estaria incitando a pedofilia. Conforme Maingueneau (2014, p. 84) argumenta “o autor é uma espécie de correia de transmissão, que ao mesmo tempo cita aforizações de autores consagrados e produz sobreasseverações que são, por sua vez, aforizações potenciais”, em outras palavras, o que o MBL almeja com a saliência visual é que esse enunciado marcado em tom amarelo viralize em forma de notícia, uma vez que “ser plenamente autor é inserir aforizações consagradas em seu texto, mas é também produzir, à moda de sobreasseveração, enunciados candidatos à aforização”, incluindo nessa seara as aforizações inventadas (idem, p. 85).

Conforme Maingueneau (2015) a textualidade navegante é característica pela presença de imagens como candidatas a aforização. Nesse sentido, poderíamos compreender que a construção do enunciado, usando as cores, recursos de saliência, é um instrumento que torna o projeto discursivo numa potencial aforização.

Diante disso, o MBL usa o Instagram como esse meio onde sua postagem viria a viralizar, uma vez que a rede social é maciça por parte dos brasileiros, proporcionando a viralização negativa da notícia sobre a Mostra Queermuseu. A composição estrutural da rede social permite a integração de links de outras redes sociais para que seja facilitado o compartilhamento da informação-notícia, assim o MBL põe essas ferramentas na postagem como recurso de engajamento, por parte de seus seguidores, ao cancelamento e ao desprestígio da Mostra.

[...] o aforizador não enuncia para um alocutário determinado por um gênero de discurso, mas para um auditório que não se situa no mesmo plano, que não é capaz de intervir na enunciação. Ainda que a aforização se apresente como uma pergunta, esta não pede resposta [...] esse tipo de enunciação sem alocutário específico não deixa de evocar o dispositivo da retórica clássica, em que o orador se dirige a um destinatário para além do seu público imediato (MAINGUENEAU, 2014, pp. 36-37).

O segundo evento discursivo do MBL segue com a mesma orientação de

desprestígio e de interdição ao evento. Nessa próxima imagem, o foco da análise será o padrão composicional dos elementos visuais.

# “ARTE”



**Imagem 2.** Segundo evento discursivo construído pelo MBL.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BZoVyJxFTBb/?taken-by=mblivre>.

Este segundo evento discursivo põe em cena através do uso das aspas o questionamento da dramatização, indagando se ela seria arte. Em seguida constrói seu projeto discursivo com uma imagem frontal. Os significados interativos que são construídos pela imagem consistem no seu ângulo frontal com plano aberto, possibilitando um contato maior entre os elementos da metafunção interacional, ou seja, os leitores e os sujeitos representados na composição visual. A imagem com esta configuração nos convida a um contato formado pela estrutura conceitual em oferta que nos é dada, pondo o ângulo do olhar dos participantes em dois momentos: 1. As crianças com o olhar marcado por um ângulo baixo o que dá poder dentro dessa interação ao leitor, 2. E ao homem nu o ângulo usado para sua representação é um em nível médio, onde o poder está concentrado tanto em quem lê a imagem, quanto ao homem nu representado nela (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; COPE; KALANTZIS, 2009).

É sobre este último elemento da composição que iremos nos deter. Nesse sentido, os significados interativos construídos pelo ângulo do olhar, as crianças com ângulo em nível baixo e o homem nu com angulação em nível médio, possui uma orientação intencional, tendo como objetivo orientar o leitor a construir determinados sentidos. A imagem se presta com uma configuração de oferta, ou seja, não é exigido nenhuma ação direta ao leitor ou reação a algo previamente sabido pelo leitor. Ao

contrário, a imagem de oferta nos coloca diante de uma situação já direcionada para uma interpretação nos cabendo enxergar o posto como algo neutro e transparente. Entretanto, o signo não pode ser neutro, visto ser ideológico por natureza.

O MBL no intuito de dar uma compreensão pronta ao leitor, impõe o discurso de autoridade para que não se possa contradizer o que está posto. A compreensão responsiva ativa fica quase fora desse teia multissemiótica, onde o uso das aspas constrói a polêmica com a dramatização do homem nu, questionando se seria arte. Ora para Maingueneau (2014) o uso das aspas já é da saída uma indicação explícita de aforização. Desse modo, o MBL, assim como no evento discursivo anterior, busca viralizar a notícia publicada em seu Instagram, desprestigiando o evento no campo artístico, sua esfera de atividade. O MBL advoga que este evento discursivo estaria incitando a pedofilia. A viralização aconteceria em vista da negativa com o uso das aspas, interrogando o caráter artístico do evento.

O uso da foto frontal com olhar das crianças em nível baixo, põe o poder nas mãos do leitor para gerar o efeito de que ele é o detentor do poder mediante as crianças que estão vulneráveis ao homem nu que se apresenta como uma ameaça a ingenuidade infantil e por isso estaria incitando a pedofilia. Este último, na composição da imagem, é configurado por um ângulo ao nível do olhar, o que põe o poder tanto em quem lê, quanto nos elementos da composição visual, a saber, o homem nu. Diante desta configuração visual, os significados interativos orientam o leitor a uma interpretação, conforme Jewitt e Oyama (2001) o que importa nas composições visuais não é a diversidade semiótica de recursos, mas o que as pessoas dizem e fazem com elas, ainda para os autores os significados interativos não são pré-existentes a composição visual, eles precisam antes de tudo ser ativados para gerar uma composição técnica capaz de construir discursos da vida. Isso nos permite compreender que o MBL estaria, tecnicamente, respaldado nas orientações de um design visual.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência no século XXI de análises discursivas que contemplem um olhar crítico sobre a composição das imagens e de fundamental importância, visto que os produtores que usam do arranjo multimodal para construir discursos estão cada vez mais proficientes nessa nova estética escrita. Logo, se na sociedade as composições multissemióticas estão a torto e a direita torna-se urgente que saibamos ler criticamente essas textualidades para podermos agir frente a esses discursos. Nesse contexto, o empreendido realizado por nós buscou compreender os discursos através desse amalgama semiótico ainda tão ignorado. A imagem da publicação revelou um caráter mais pragmático de discurso, enquanto o discurso verbal foi esteve mais capcioso quanto aos estratos que a compõe.

As análises aqui feitas não tiveram pretensões de ser exaustivas, buscamos, pois,

mostrar como os campos de atividades a que nossos enunciados respondem acentuam nossas produções discursivas. Sendo assim, fizemos um recorte metodológico e conceitual que esteve dentro dos nossos objetivos investigativos, tomando as réplicas ativas do MBL como um elo da comunicação discursiva que ao mesmo tempo que antecipa e prevê as futuras réplicas, está em diálogo com o seu campo de atividade o qual não poderia deixar de trocar esses fios ideológicos. O heterodiscurso social, bem como as forças estratificadoras da língua fizeram parte das análises dialógicas, logo buscamos evidenciar a natureza, puramente, ideológica e dialógica da comunicação discursiva na interação social humana.

Em favor disso, outras noções e perspectivas foram deixadas de lado, não por desconsiderá-las, mas por não estar dentro dos nossos objetivos.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- \_\_\_\_\_, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução e Organização de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **Gramática de la multimodalidad**. Traducción de Cristóbal Pasadas Ureña. Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios, n. 98-99, Enero-Junio 2010, pp. 93-152.
- JEWITT, C; OYAMA, R. **Visual meaning: a social semiotic approach**. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (Orgs). *Handbook of visual analysis*. London: Sage, 2001, p. 134-155.
- KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.
- LÉVY, Pierre. **Ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?**. Tradução Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_, Dominique. **Frases sem texto**. Tradução Sírio Possenti [et al,] 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- \_\_\_\_\_, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MEDVIÉDEV, Pável N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina V. Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus Editora, 2003.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-070-4

